

# 1

Eu voltava para casa, depois de ter ganhado um dos prêmios mais importantes da literatura brasileira. No táxi, lembrava de todo o assédio daqueles jornalistas brasileiros e estrangeiros. Como a vida havia sido generosa comigo, estava no meu quinto livro, reconhecimento internacional, a última obra fora traduzida em mais de vinte idiomas, sucesso em doze países. Lembrava-me de vinte anos atrás quando era editor num jornal de bairro. E agora escritor consagrado, às vezes isso ainda me confundia. O taxista me reconheceu, pediu um autógrafo assim que sentei ao banco de trás e não falou mais nada durante toda a viagem, provavelmente por respeito a uma celebridade aparentemente cansada. Eu agradecia mentalmente, foram quatro horas de premiações, conversas formais, elogios, críticas, amigos, fãs e jornalistas – tenho aversão a jornalistas – não é nada pessoal, eu mesmo sou formado em jornalismo, é certo que às vezes me esqueço disso, ou a muito deixei de me considerar um jornalista. Eles realmente aborrecem com perguntas repetitivas, sempre tentando nos colocar em situações difíceis, aumentando nossas declarações e algumas vezes até mesmo inventando fatos ilusórios.

Começamos a subir a Rua Augusta, olhava pela janela, sexta-feira – uma hora da madrugada – os jovens tomam conta da rua para mexer com as garotas de programa, a maioria delas eu conhecia pelo nome – a vida é mesmo engraçada – entre jornalistas e escritores consagrados no prêmio de literatura eu recebia elogios e era tratado com respeito por pessoas que nunca me viram antes, em contrapartida, muitas daquelas garotas já haviam me insultado, conheciam meus defeitos e fraquezas, e mesmo sabendo que era um escritor conhecido, vez ou outra me trocavam por clientes mais abastados, mais jovens ou até mesmo mais di-

vertidos. Sabia que ficavam comigo na grande maioria das vezes por dinheiro, falta de clientes e até por piedade, o que era muito pior. *“Desde quando putas têm compaixão?”* Algumas delas têm, posso garantir.

Cruzamos a Avenida Paulista, finalmente comecei a me sentir em casa. Paramos em frente ao meu prédio na Alameda Franca, entreguei o dinheiro ao taxista junto ao autógrafo pronto que havia preparado, passei toda a viagem escrevendo seis ou sete palavras, e só nesse momento me dei conta de não colocar o nome do cidadão na dedicatória. Estava exausto, entrei em casa, algumas correspondências em baixo da porta, peguei-as e coloquei sobre a mesa sem olhar, não tomei meu drinque como de costume, nem mesmo uma cerveja, também não tomei banho, caí na cama com roupa, sapato e blazer, apaguei num sono profundo sem sonhos.

## 2

Acordei às onze horas da manhã, preparei meu café forte, liguei o televisor e peguei as correspondências, separei as contas sem abri-las, alguns convites, dezenas de propagandas e por último uma carta internacional, percebi logo que não se tratava de um convite ou correspondência de empresas, patrocinadores, tradutores. Era uma carta normal. Uma carta de Geovanna. Em princípio pensei em rasgá-la, como fiz com as outras que chegaram logo após sua partida, mas dessa vez não consegui, haviam se passado muitos anos desde a última, por isso, optei por abri-la:

*Eric,*

*Há muito tempo queria lhe escrever, mas faltava-me coragem. Nesses dezoito anos em que estivemos separados não deixei de pensar em você um só dia que fosse. Sei que você nunca aceitou meus motivos e nem mesmo quis saber o que tinha a lhe dizer quando fui embora. A vida dá muitas voltas, saí do Brasil para morar na Itália, na primeira semana conheci Otto, um alemão que estava a trabalho em Milão, e voltaria para seu país no mês seguinte. Até hoje não sei se realmente me apaixonei por ele, ou encontrei ali uma esperança de mudar minha vida. O fato é que parti com ele para Alemanha, alguns meses depois nos casamos, precisava conseguir o visto permanente para continuar na Europa legalmente. Vim morar em Köln. Aqui nasceu Klaus. Otto assumiu a paternidade sem questionar mesmo sabendo desde o início que o filho não era dele. Eu saí do Brasil grávida, até hoje tenho dúvidas se você não me deu oportunidade de contar-lhe ou se eu realmente não tive coragem.*

*Otto é uma boa pessoa, porém, muito reservado, distante, seu trabalho exige que ele viaje pelo mundo quase o ano todo. Ele nunca deixou faltar nada em nossa casa, mas*

não se preocupa muito em estar conosco. Com Klaus ele conversa apenas o necessário, ainda que sempre tenha feito de tudo por ele.

Apesar dos meus quarenta e dois anos estou muito doente, infelizmente de um mal que não tem cura, sei que não me resta muito tempo. Resolvi contar toda a verdade a Klaus, queria muito que ele conhecesse o pai verdadeiro, acredito que seja um direito dele conhecer sua história, e quem sabe, ter outras oportunidades na vida, escolher o que fazer, ter orientação, pois você sempre foi muito sensato, também sei o quanto você é capaz de dar carinho a uma pessoa, e esse é o principal motivo que encontrei para vocês se conhecerem. Ele está agora com dezoito anos, você pode imaginar como um rapaz nessa idade ficou confuso com tudo que lhe contei, ele nunca foi muito ligado a Otto, talvez pelo fato do pai de criação ser tão ausente, mas sempre se achou parecido com ele, isto é estranho não é? Eu particularmente acredito que o fato de Klaus estar sempre em atividades: bicicleta, academia, skate, fez com que ele desenvolvesse, se tornando um rapaz forte, alto e muito bonito. Por esse motivo, todos dizem que ele se parece com o pai. Otto também é alto e forte, mas na personalidade acho que Klaus é igual a você. Sentimental, bondoso e muito simples. Não sei quanto tempo me resta, minha vida é ir e vir do hospital duas a três vezes por semana. Conteí a Otto sobre esta carta e uma possível vinda sua, ele não deu a mínima. Klaus ficou apreensivo, mas não diz nada sobre o assunto, toda vez que tento conversar, ele inventa uma desculpa qualquer para sair, mostrou-se totalmente indiferente, diz que não tem o menor interesse em lhe conhecer, e que seu pai verdadeiro é Otto. Mas tenho certeza que isso vai mudar assim que o conhecer.

Seus livros são um sucesso aqui na Alemanha, eu mostrei o último ao Klaus, mas ele não quis ler, e insinuou que eu estava querendo apenas nos aproximar do seu dinheiro, deixou bem claro que não quer nada seu e não vai se vender a um pai novo. Eu jurei a ele, e faço isso agora a você também, em nenhum momento pensei nisso.

Aproveito para lhe dar os parabéns pelos livros, quem di-

*ria? Você chegou lá, eu não acreditava e você me provou que tudo é possível quando se quer... Pena eu ter aprendido isso muito tarde! Quem sabe você resolve ver seu filho antes da doença me consumir e eu ainda tenha oportunidade de ver seu rosto pela última vez.*

*Aqui deixo nosso endereço: Maybachstraße n. 104 apto. 4 – Köln, próximo ao Media Park.*

*Um beijo, daquela que sempre te amou.*

*Geovanna.*

Apesar de nunca ter aberto nenhuma das cartas que chegaram há anos, aquele endereço estava gravado em minha memória. Durante minhas viagens à Alemanha sempre sentia medo em qualquer momento encontrar com Geovanna, fui convidado para um ou dois eventos em Colônia – esse é o nome pelo qual chamam a cidade de Köln que fica a aproximadamente duas horas de Frankfurt – recusava sem pensar duas vezes, sempre que descia em Frankfurt, apesar de saber que estava no maior aeroporto do mundo, o medo fazia com que nem olhasse para os lados, tinha medo de encontrá-la ou ser encontrado por Geovanna.

Fiquei sem ação, imediatamente troquei o café por uma dose dupla de uísque. A lembrança de Geovanna nunca saíra dos meus pensamentos, não sabia como estava agora, lembrava-me exatamente como era quando me deixou. Simplesmente linda, seus cabelos castanhos claros cacheados e compridos, os olhos levemente azulados, provavelmente tinha o jeito do pai italiano, falava muito e mexia as mãos como se os gestos fizessem parte das palavras, puxara bem pouco a mãe, ou melhor, em quase nada, uma senhora simples de origem nordestina, não sei bem de que lugar do Brasil. Seu verdadeiro nome era Gilvania, nome dado pela mãe, do qual ela carregava apenas no documento de identidade, com certa vergonha, pois desde os doze anos de idade mudou por conta própria para Geovanna, com dois “enes”, fazia questão de dizer: “*Geovanna com dois enes*”.

### 3

O dia em que conheci Geovanna, estava com o pessoal da faculdade, na boate Estação Plaza, início da Rua Augusta. Foi a primeira vez que fui a um estabelecimento daquele tipo, algumas mulheres dançavam em cima de um pequeno palco espelhado, Geovanna estava sentada com um grupo de Holandeses. Eu bebendo um uísque qualquer, ao preço do mais caro importado, sentado timidamente observando Geovanna, percebia que era correspondido, não entendia porque, já que os homens ao seu lado eram muito mais velhos e com certeza ricos o bastante para recompensá-la muito bem por pouca coisa. Eram os tipos de clientes preferenciais das garotas de programa – curiosidade que descobri um pouco mais tarde – velhos, ricos, casados e extremamente bêbados, os clientes ideais. Cheguei a comentar sobre meu interesse com um amigo, mas ele me desanimou ao dizer que para prosseguir com aquele flerte deveria estar com algum dinheiro no bolso ou nada feito. Não dei muita atenção ao comentário, voltei as atenções para garota que me observava sorrindo, ela insinuava-se sentada ao colo de um holandês que de tão branco era quase albino.

Meia hora depois, Geovanna se levantou, aproveitei sua ausência para ir ao toailete e na saída encontrei-a, ela sorriu, nunca me esqueci daquele primeiro sorriso, tentei uma aproximação, o uísque me encorajava, chamei-a e disse que só sairia dali acompanhada, se fosse por ela. Respondeu na mesma hora já estar acompanhada e que só poderia conversar comigo numa outra oportunidade. Saí imediatamente da boate, pensei em Geovanna durante dias, sonhava com ela, não conseguia pensar naquela linda mulher como uma garota de programa, e sim como a mulher perfeita, com quem sentimos vontade de namorar sério, quem sabe

casar, viver junto para sempre, ou ao menos tê-la ao meu lado. Podia parecer estranho, mas em meus devaneios era exatamente isso que visualizava: uma casa, filhos, uma vida com a mulher mais bela que já havia visto em toda minha vida. Imaginava Geovanna feliz ao meu lado, juntos passeando de mãos dadas por lugares onde ela jamais sonhou estar.

Duas semanas depois voltei à boate, mas desta vez sozinho. Fiz questão de chegar cedo, tão cedo que a casa ainda estava fechada, fiquei parado na porta, acompanhando a chegada das garotas, assim que a boate abriu, entrei, dez minutos depois encontrei Geovanna, eu não queria correr o risco de perdê-la para outro cliente, chamei-a para sentar-se comigo, conversarmos um pouco e decidi que deveríamos sair para continuar a conversa num outro local. Não me sentia bem naquele ambiente, sugeri um bar ou restaurante próximo dali, precisava afastar aquela sensação de cliente e garota de programa, sexo pago. Ela então explicou que para deixar a casa naquele horário, eu deveria pagar um drinque especial, que só era servido às garotas, e por ser ainda muito cedo talvez devesse deixar uma boa gorjeta ao segurança da porta. Chamei o garçom e nem foi preciso pedir, Geovanna apenas olhou para o rapaz e fez um gesto com as mãos, dois minutos depois, um outro rapaz trazia uma pequena taça com uma bebida colorida. Ela deixou a taça na mesa, provei, era uma espécie de batida sem álcool que me custou uma fortuna, era o mais caro do menu, mesmo assim fui convencido por Geovanna a pedir outra dose. Depois de tomar num gole só, ela pegou em minha mão e caminhamos em direção à porta, foi quando me pediu para que entregasse a volumosa gorjeta ao porteiro.

Minha sugestão do restaurante não foi aceita, Geovanna explicou que não gostaria de ficar sentada num restaurante ou bar e convenceu-me de que deveríamos ir direto para um motel próximo à boate. Ao entrar naquele pequeno quarto, apertado e com aparência suja fiquei um tanto constrangido, ao contrário de minha acompanhante que enquanto tirava as sandálias de salto, com uma

espécie de tira de couro que dava inúmeras voltas pelo tornozelo, chegando quase aos joelhos – o que confesso, me excitou um pouco – explicava que ganhava comissão sobre os tais drinques coloridos, e que os programas são determinados em prazos máximos de duas horas, portanto, a partir do horário em que saímos teríamos duas horas para ficarmos juntos, depois deveríamos voltar à boate. Contou também que em uma noite de sorte poderia fazer até três programas, fiquei um pouco frustrado, uma espécie de nojo e piedade foi o que senti ao ouvir tal comentário. Ela percebeu, sorriu e disse já prever que este seria um programa diferente, por esse motivo a caixinha ao rapaz da portaria, aquele agrado a desobrigava de voltar à boate dentro do prazo estipulado.

Sorrindo entrou no banheiro sem fechar a porta, escutei ligar o chuveiro, após cinco minutos minha bela acompanhante senta-se na cama, nua e ainda molhada. Nesse momento meu instinto masculino falou mais alto, pensei duas vezes, antes de pedir que vestisse ao menos suas roupas íntimas, ela atendeu sorrindo ao meu pedido, mas aquelas pequenas peças ao invés de esconder seu sexo, tiveram efeito contrário ao esperado, a deixara ainda mais sensual, o que exerceu um efeito ainda mais provocativo em meus pensamentos.

Conversarmos durante muito tempo, ela contou estar trabalhando na boate há três meses, antes trabalhava como vendedora em uma loja de roupas, aceitou o convite de uma amiga, empolgou-se pelo fato de ganhar em uma semana o que ganhava em um mês inteiro, trabalhando apenas durante a noite. Falava ser algo passageiro, não tinha vontade de ficar ali por muito tempo, seria somente para juntar algum dinheiro, pagar um curso que lhe proporcionasse ganhar mais em um trabalho digno. Eu tentava, em vão, convencê-la a ter outras maneiras de ganhar a vida. Nosso diálogo fluía bem, não fizemos nada além de conversar. O interfone tocou, era da portaria avisando que o período estava no fim e deveríamos sair, pedi que dormisse ali comigo, continuamos nossa conversa, tentei mudar de assunto, iniciei uma nova conversa sobre meu trabalho como estagiário no jornal, e falei

sobre meus planos para o futuro, contei o que escondia dos meus melhores amigos: meu sonho de ser escritor. Prometi mostrar-lhe minhas poesias e alguns contos que havia escrito nos últimos tempos, ela tentou parecer interessada, percebi ser uma tentativa de agradar, ou talvez estivesse pensando *“ainda não ganhei dinheiro tão fácil nesses três meses de trabalho, receber para ficar a noite inteira conversando com um babaca”*.

Dormimos abraçados, com o televisor ligado no canal fechado do motel, onde são exibidos vinte quatro horas de sexo explícito, que tentei mudar por algumas vezes durante a noite, mas Geovanna insistia em voltar àquele canal, não sei se numa tentativa de me excitar. Parecia sentir-se me enganando pelo fato de não acontecer a relação sexual entre nós. O que normalmente seria exigência de qualquer cliente. O máximo que consegui foi desligar o volume do aparelho, e convencê-la de que não me ajudariam em nada aquelas imagens, ao contrário.

No dia seguinte acordei cedo, procurei meu relógio de pulso no pequeno criado-mudo sem gavetas ao lado da cama, eram oito horas da manhã, chamei Geovanna que pareceu muito preocupada com o horário. Perguntei o motivo, e após insistir ela acabou confessando. Dizia à mãe que trabalhava num bingo, até as cinco da manhã, portanto, naquele horário já deveria estar em casa há muito tempo, levantou apressada, vestiu-se e ajeitou os cabelos, pediu que fossemos embora. Antes de partimos, lembrou-me que deveria pagar por seu trabalho de acompanhante, momentaneamente soou como um choque, vendo minha cara de espanto ela explicou irritada que cada cliente tinha direito a fazer o que quisesse, eu optara por conversar, mas isso não me dava direito a nenhum desconto, afinal, em sua profissão se paga por hora, a não ser que o cliente queira coisas muito diferentes, nesse caso o preço pode ser alterado, sempre para mais, dependendo dos seus devaneios, e normalmente tudo deve ser combinado antes. Paguei constrangido, ela recebeu o dinheiro e contou-o normalmente, conferiu novamente como faz um caixa de banco, ajeitan-

do as notas, desdobrando-as, virando duas que estavam com a ilustração em sentido contrário às outras e colocando todas na mesma posição, de forma a ficarem sobrepostas.

Sáimos e tomamos um táxi, a deixei em casa, quando desceu me deu seu telefone e pediu que não fosse mais à boate, era agora um cliente especial e não precisava encontrá-la naquele local, se quisesse vê-la novamente deveria ligar, marcaríamos o dia e local apropriado.

Ao chegar em casa fiz uma rápida conta, e cheguei à conclusão de que em apenas uma noite, desde a entrada na boate, táxi, motel, a gorjeta do leão-de-chácara e o pagamento de Geovanna havia gasto exatamente a metade dos meus rendimentos de um mês inteiro de trabalho.

Tinha idéia de esperar ao menos alguns dias, mas não consegui me conter e liguei no dia seguinte, conversamos pouco, percebi que por algum motivo ela não podia falar naquele momento, talvez estivesse com um cliente, marcou um encontro no parque do Ibirapuera, no sábado, as duas da tarde. Contei os dias, as horas, os minutos.

No dia marcado cheguei ao parque mais cedo que o combinado, queria encontrá-la antes de ser encontrado, o que não aconteceu, esperei por alguns minutos e senti tocar-me o ombro, olhei para trás, ela estava ainda mais linda, a maquiagem agora não tinha excessos como a conhecera na boate, o que ressaltava a sua beleza, toquei-lhe o rosto e senti a maciez de sua pele, olhei-a nos olhos e ficamos assim por alguns segundos, até Geovanna puxar-me com suavidade e nos beijamos demoradamente. Foi como um sonho, perdi os sentidos, numa mistura de sentimentos inexplicáveis de paixão, empolgação e vergonha, tudo ao mesmo tempo, algo como um começo de namoro entre dois adolescentes, mais que isso, um começo de amor, onde não se consegue desviar o olhar da pessoa amada, não falávamos, nos comunicávamos por olhares apaixonados, mãos dadas que vez ou outra se apertavam mais, beijos rápidos e longos, de acordo com o que os olhares determinavam.

Sáímos do parque ao cair da noite, jantamos num pequeno restaurante japonês na Liberdade, perguntei se deveria deixá-la na boate, ela titubeou um pouco, respondeu que deveria estar lá às nove da noite, no máximo, porém naquele dia não tinha condições de trabalhar, não poderia atender cliente algum depois de um dia maravilhoso. Convidei-a para passar a noite comigo, mesmo sem saber para onde levá-la. Como morava num pequeno apartamento de dois quartos dividido com quatro colegas da faculdade não poderia levá-la para lá. Passamos a noite num motel – longe da boate – foi maravilhoso. Deixei-a em casa pela manhã e marcamos um novo encontro para a semana seguinte.

Minha ansiedade era visível, no trabalho todos queriam saber o motivo. “*Alguma namorada nova? Trabalho?*”, perguntavam. Tentava me distrair com outras coisas, a faculdade, bares, sinuca com os amigos, mas estava sempre com os pensamentos em outro lugar, ou melhor, em Geovanna. Meus amigos chegaram até a desconfiar que estava com algum problema grave. Realmente estava, e era tão grave que não sabia mais o que fazer. Passei noites em claro pensando numa maneira de afastar Geovanna daquela vida e trazê-la para junto de mim... Mas como? Não chegava a uma conclusão que pudesse se tornar real. Sonhava com várias soluções, mas nenhuma poderia se realizar dentro das minhas condições.

\*\*\*\*\*

Fui buscá-la em casa, conforme combinado ao telefone. Conheci sua mãe, fui apresentado como um amigo. Conheci também sua irmã e o irmão caçula de dez anos. Dona Ermelinda me contou sobre a dificuldade de trabalhar para sustentar os filhos e agradecia a Deus por Gilvania ter conseguido o emprego no bingo, pois a ajuda financeira era muita bem vinda em casa. Fui convidado para o almoço e contra a vontade de Geovanna, aceitei. Conversei muito com sua mãe, que fazia muitas perguntas a respeito do meu trabalho. Ela contou ter feito de tudo para que Gilvania também tentasse um curso superior, mas de nada adiantou.

Após o almoço, dona Ermelinda resolveu contar sobre o marido, um italiano chamado Lúcio que veio para o Brasil ainda criança ao final da Segunda Guerra. Conheceram-se em São Paulo, dona Ermelinda viera do nordeste para trabalhar em casa de família, gente muito rica, disse ela, tinham vários empregados. Lúcio era jardineiro da casa, foi aí que começaram a namorar, casaram-se e constituíram família. Depois de dois anos, Lúcio conseguiu um novo emprego como metalúrgico em uma grande fábrica de eletrodomésticos, fez cursos dentro da própria fábrica, mas depois de algum tempo perdeu o emprego devido ao corte de funcionários com a chegada de equipamentos mais modernos, capazes de substituir o trabalho de até cinco homens – contava dona Emerlinda com certo espanto no olhar – ele então pegou o dinheiro da rescisão e fez a viagem à Itália em busca de uma nova oportunidade, prometeu voltar para buscar a família. Nunca mais mandou notícias. Dona Ermelinda nada sabia sobre o paradeiro do marido, nem mesmo para que cidade fora e se estava realmente na Itália. Com lágrimas nos olhos a simpática senhora se calou e levantou-se com a desculpa de preparar um café.

Enquanto isso, eu fingia estar interessado numa partida de futebol que passava na tevê, para tentar me esquivar das brincadeiras do irmão mais novo de Geovanna. Não estava funcionando, o garoto não me deixava em paz, com brincadeiras estúpidas e perguntas ainda piores. Precisava pensar em algo para sair daquela situação constrangedora, chamei Geovanna e os irmãos para tomar um sorvete. Na sorveteria ela já não se preocupava mais com o que contou em casa sobre sermos apenas amigos, me abraçava e beijava na frente dos irmãos, a irmã apenas sorria, já o garoto insistia em dizer coisas que me deixavam ainda mais embaraçado. Isso me fez apressar o passeio. Deixei-os em casa e fui embora sem entrar para me despedir de dona Ermelinda.

Nossos encontros tornaram-se freqüentes, mesmo com Geovanna ainda trabalhando na boate, o que me doía por dentro. Por outro lado, tinha o consentimento de dona Ermelinda que

fazia muito gosto e me tratava como um filho, sentia um carinho e respeito muito grande de sua parte, era quase como uma gratidão, algo como se no fundo ela soubesse que eu estava tentando compartilhar uma vida melhor com sua filha.

No final daquele ano terminei a faculdade, consegui minha efetivação no jornal, comprei meu primeiro carro, estava com vinte dois anos, Geovanna com vinte, ainda trabalhava na boate. Pelo tempo de casa tinha algumas regalias como sair mais cedo e até mesmo faltar durante algumas noites, mesmo assim, eu já não suportava mais pensar nisso.

As coisas haviam melhorado em minha vida, resolvi alugar um apartamento na Vila Maria, bairro vizinho ao de Geovanna, que morava com a família na Vila Guilherme. Consegui mobiliá-lo em três meses. Fazia parte da sociedade dos amigos da Vila Maria, escrevendo alguns artigos para o jornal do bairro. Em pouco tempo fui convidado a editar o pequeno jornal, aceitei. Consegui bons contatos e certa influência na região. Arrumei uma oportunidade de emprego para Geovanna como gerente de uma loja de departamentos, anunciante de nosso jornal. Ela aceitou, mesmo sabendo que teria de trabalhar duro durante o dia todo e até alguns finais de semana, além de ganhar bem menos do que ganhava na boate. Chamei-a para morar comigo, levávamos uma vida comum e apesar das dificuldades financeiras éramos muito felizes. Aos domingos almoçamos na casa de dona Ermelinda, viajamos vez ou outra para cidades próximas e saímos com frequência para jantar. Geovanna vez ou outra reclamava das dificuldades, era certo que com o salário da loja não conseguia manter o mesmo padrão, mas mesmo assim, ainda fazia questão de ajudar dona Ermelinda, o que eu apoiava completamente, e me esforçava para contribuir.

Com o tempo, as reclamações de Geovanna foram se tornando mais freqüentes, e muitas vezes se transformaram em brigas. Era o tratamento de beleza, os perfumes, as roupas, ter que andar de ônibus ao invés de táxi, tudo era motivo de reclamação. Por mais que eu tentasse amenizar, às vezes, deixando meu carro

para seu uso, ou contribuindo para a compra de um produto de beleza, ou outro, mas Geovanna sempre queria mais, faltava algo, faltava o dinheiro, ela acostumara ao dinheiro ganho na boate e agora não admitia cortar os gastos que para mim eram desnecessários.

Durante algum tempo Geovanna perdeu o contato com as garotas da boate, mas à medida que as reclamações foram se tornando freqüentes, percebi que as ligações ou visitas das garotas passaram a acontecer com certa freqüência – até hoje não sei se ela as procurou ou foi mesmo uma coincidência – e a cada uma dessas visitas sentia que ficava ainda mais desanimada com a vida dura de conciliar o trabalho com os afazeres domésticos. E quando perguntada pelas amigas sobre a vida que levava, Geovanna respondia rápido e sem entusiasmos: *“Está tudo bem”* e mudava de assunto rapidamente perguntando curiosa sobre as aventuras e decepções das moças na boate.

Eu estava terminando o original do meu primeiro livro, que já estava sendo negociado com uma editora, antes mesmo de estar pronto, graças às influências conquistadas com muito trabalho e alguns favores através do pequeno jornal. Era minha grande oportunidade de realizar um sonho e poder dar uma vida melhor a Geovanna.

Num sábado à tarde, recebemos a visita de Lucimara uma amiga que trabalhara com ela na boate, mas que saiu antes mesmo de Geovanna. Lucimara dizia estar de passagem no Brasil, há um ano havia saído do país a convite de um italiano que conhecera na boate. Trabalhava como dançarina em uma casa de shows em Milão. Ganhava em euros o equivalente a seis ou sete vezes o que tirava na boate em São Paulo. Aconteceu o que eu tanto temia, Lucimara convidou Geovanna a partir com ela. Teria uma semana para pensar. Aquela foi a pior semana da minha vida, Geovanna tentava convencer-me a ir com ela, repetia várias vezes ao dia: *“Lá não precisa fazer programas, é só para dançar, meu amor”*. Passei os dias tentando tirar da sua cabeça aquela idéia de dinheiro fácil. As brigas aumentaram, disse que se realmente optasse por partir, que

nunca mais me procurasse. Fiquei o resto dos dias sem responder às suas perguntas, sem lhe dirigir a palavra. Cortei relações na esperança de que isso a fizesse mudar de idéia. De nada adiantou, partiu sem deixar recado. Ao chegar em casa percebi que boa parte de suas roupas – pelo menos as melhores peças – não estavam mais no armário. Sem bilhete, sem aviso, sem ao menos um telefonema para o jornal, Geovanna partiu, me deixou.

Depois de dois dias recebi o recado de sua irmã, ela contou que Geovanna preferiu não se despedir, não quis me ver e também não procurou sua mãe, pois éramos as únicas pessoas que poderiam convencê-la a ficar. Disse também que estava partindo em busca de uma vida melhor, conseguiria um bom trabalho na Itália e depois procuraria por seu pai, o que tenho comigo, ter sido o que fez com que dona Ermelinda mesmo sem ter tido a oportunidade de se despedir da filha, aprovasse a idéia. Neste momento pensei: *“Será que sou tão incompetente assim, Dona Ermelinda tudo bem nem teve chance de ver a filha antes de partir, e empolgou-se pelo fato do possível encontro com Lúcio, mas e eu... O que fiz? Nada! Tive uma semana para convencê-la e não consegui. Ao invés de tentar conversar, expor minha opinião e explicar a importância de sua companhia, nada falei, ao contrário, cortei relações, pensei que ficar calado poderia valer mais que qualquer palavra, desta forma estaria demonstrando minha desaprovação, isso a faria pensar. Como pude ser tão ignorante, cortei relações com minha mulher e por isso fiz com que aumentasse seu desejo de partir”*. Durante dias vivi em conflito comigo mesmo, tentando saber quem era culpado pela sua partida... Eu ou ela? Depois de noites em claro, cheguei à conclusão de que Geovanna era a única culpada, resolvera largar tudo por uma vida de ilusão, dinheiro fácil, provavelmente iria se prostituir novamente. Cansamos de ouvir histórias de garotas que saíram do Brasil e se deram mal, algumas chegavam a virar escravas de seus cafetões. Pobre Geovanna, no auge de minha raiva ainda sentia pena da mulher que pensei um dia estar fazendo feliz.



Algumas semanas depois Geovanna ligou, tentou por várias vezes falar comigo, deixou recados na secretária eletrônica que

eu apagava sem ouvir, escreveu cartas que eu rasgava sem abrir. Com o tempo, as cartas já não chegavam mais.

\*\*\*\*\*

Durante os últimos dezoito anos, tentei encontrar uma outra Geovanna na Rua Augusta, a busca foi em vão. Mesmo me dedicando ao trabalho em excesso, mesmo com o sucesso de meus livros, sempre terminava minhas noites naquela mesma rua. Conheci quase todas as garotas de programa da região, mas nunca me envolvi emocionalmente com qualquer uma delas. Nem mesmo conseguia conversar, como aconteceu no primeiro encontro com Geovanna. Com as outras ia direto ao assunto: sexo, pagamento, bebidas em excesso, e nada de conversas, nem sempre necessariamente nessa mesma ordem. Em noites de maior desespero levava duas ou três garotas para casa e nada de encontrar alguém que realmente despertasse em mim alguma reciprocidade, como acontecera com Geovanna, todas interessadas em dinheiro, vida fácil, quando sugeriam um restaurante ou local diferente ao invés de motéis de quinta categoria, era para aparecer nas revistas ao meu lado, o que só me prejudicava. Os malditos jornalistas insistiam em publicar: *“Escritor famoso é flagrado em companhia de garota de programa”*. Elas tentavam em vão durante poucos dias se promover às minhas custas, em cima de tais noticiários. Tenho certeza que meu editor só não me deixou porque sempre fomos muito amigos, desde o início de nossas carreiras, praticamente começamos juntos, e ele sempre conseguia acobertar ou ao menos minimizar minhas trapalhadas. Sem falar nas brigas na Rua Augusta que me rendiam escândalos e hematomas por causa de uma ou outra garota, que eu acreditava ter preferência em relação a outros clientes.

Nunca soube ao certo porque esperava um dia encontrar alguém naquela maldita rua, não conseguia me interessar por mulheres em qualquer outro lugar comum. Sempre na esperança



de encontrar outra Geovanna. Na verdade procurava a mesma Geovanna. Tentava recomeçar uma nova história, ou melhor, queria uma chance de mudar o final daquela história sem saber que seria impossível. Com tudo isso, anos se passaram, e a popularidade de meus livros crescia na mesma proporção que os escândalos em minha vida pessoal.